

Solange Aparecida de Souza Monteiro
(Organizadora)

INQUIETAÇÕES E PROPOSITURAS NA FORMAÇÃO DOCENTE

Atena
Editora
Ano 2019

Solange Aparecida de Souza Monteiro
(Organizadora)

Inquietações e Proposituras na Formação Docente

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora
Copyright © Atena Editora
Copyright do Texto © 2019 Os Autores
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora
Editora Executiva: Prof^a Dr^a Antonella Carvalho de Oliveira
Diagramação: Natália Sandrini
Edição de Arte: Lorena Prestes
Revisão: Os Autores

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^a Dr^a Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Prof^a Dr^a Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof^a Dr^a Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof^a Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof^a Dr^a Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof^a Dr^a Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof^a Dr^a Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof^a Dr^a Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof.^a Dr.^a Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Prof.ª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof.ª Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof.ª Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
158	<p>Inquietações e proposituras na formação docente [recurso eletrônico] / Organizadora Solange Aparecida de Souza Monteiro. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019.</p> <p>Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-381-1 DOI 10.22533/at.ed.811191106</p> <p>1. Educação – Pesquisa – Brasil. 2. Professores – Formação. 3. Prática de ensino. I. Monteiro, Solange Aparecida de Souza. CDD 370.71</p>
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Não há Educação sem História. Não há História sem Memória Ciência, sem História e Memória. Quase sempre deforma. Vejo-me entre crianças, sentindo-me professor, num barracão de chão batido, coberto de palha, no fundo do quintal, de onde era minha casa, no meu sempre, no meu mundo, no meu tudo, Parintins... [...] Saibamos construir nossa história. Saibamos semear nas memórias Daqueles que estão Daqueles que ainda virão... O pouco que fazemos O pouco que pensamos. O pouco que sentimos. O pouco que vemos... Neste percurso Que falseia o espaço. Que falseia o tempo... Agora é a hora! Este é o momento! Que todos, avancemos! (Amarildo Menezes Gonzaga/2012). Se as coisas são inatingíveis... ora! Não é motivo para não querê-las... Que tristes os caminhos, se não fora a presença distante das estrelas! (Mário Quintana, 1951) O trecho extraído do poema “Das utopias”, de Mário Quintana, é um convite para mantermos viva a utopia, pois uma sociedade sem utopia é uma sociedade sem sonhos e esperanças. Entendemos que, para discutir essa questão, torna-se necessário, inicialmente, evidenciar a indiscutível importância do acervo de conhecimentos historicamente acumulados e sistematizados na orientação ou reorientação do fazer pedagógico. No momento atual, constatamos um processo contínuo de fluxo e refluxo, um movimento incessante que caracteriza não apenas o mundo físico, mas também os domínios educacionais, psicológicos, sociais, políticos e culturais presentes no mundo. Sendo assim, urge um repensar sobre fenômenos educacionais, uma vez que o contexto teórico existente e disponível se apresenta insuficiente para responder aos problemas mais prementes ou solucioná-los. Nesse sentido, novos debates, novas ideias, novas articulações, novas buscas e novas reconstruções, fundadas em novas concepções, ou seja, novas formas de pensamento revelam a maneira de olharmos a realidade como um todo e não como uma única forma de entendermos o mundo circundante, ante a insatisfação com os modelos predominantes de explicação para as questões emergentes no âmbito educacional. Em contraposição a essa prática, Freire (1997: 21) defende que a educação compreende um espaço privilegiado para se problematizar os condicionamentos históricos, partindo do pressuposto de que “somos seres condicionados mas não determinados; ou ainda que, a história é tempo de possibilidade, (...) o futuro é problemático e não inexorável”. Sendo assim, não podemos mais conceber que, na orientação da formação dos profissionais da área educacional, haja uma predominância de tendências paradigmáticas da educação, que tenham por finalidade principal o domínio por parte do futuro profissional de conhecimentos fechados, acabados, transmitidos através de uma metodologia que exacerba a aula expositiva como técnica de ensino e considera a prova como ferramenta para aprovar ou reprovar o aluno. Essa prática revela, por um lado, a ineficiência do ensino e, por outro, o lado cruel da escola, que, muitas vezes, penaliza os excluídos socioculturalmente, estigmatizando-os e aprofundando a distância entre prática profissional e produção do conhecimento científico. Em síntese,

a formação do professor deve ser compreendida para além do simples treinamento em destrezas, na perspectiva de torná-lo sujeito do processo de (re) construção do saber. No artigo (IN) DISCIPLINA: PERSPECTIVAS DOCENTES E DISCENTES NO ENSINO SUPERIOR, as autoras Aparecida Silvério ROSA e Fernanda Telles MÁRQUES buscam analisar comparativamente os entendimentos de alunos e de professores de um curso superior acerca da questão da indisciplina em referido nível de ensino. No artigo A ÉTICA NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES DA EDUCAÇÃO BÁSICA, os autores Patrício Ceretta E Luiz Gilberto Kronbauer buscam tratar da importância da Ética na formação de professores, identificando espaços dedicados ao estudo de ética ao longo dos Cursos e refletindo sobre a incidência da Ética na prática docente. No artigo A MÚSICA E A FOTOGRAFIA COMO RECURSOS PEDAGÓGICOS NO ENSINO DE HISTÓRIA: UMA EXPERIÊNCIA NOS ANOS INICIAIS, as autoras Magda Miranda de Assís Cruz e Magda Madalena Peruzin Tuma buscam trazer uma experiência do Ensino de História local realizada em uma escola pública, que, como campo do Estágio Curricular Obrigatório nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental (2016). No artigo A POLÍTICA DE INSTITUCIONALIZAÇÃO DE POLOS DE APOIO PRESENCIAL DA UNIVERSIDADE ABERTA DO BRASIL, busca tratar da política de institucionalização de polos de apoio presencial do sistema Universidade Aberta do Brasil. No artigo APRENDENDO A PENSAR: FILOSOFAR A PARTIR DA LITERATURA, os autores Pâmela Bueno Costa e Samon Noyama buscam fazer uma provocação quanto a um tema legítimo da filosofia, que já foi motivo de especulação de filósofos na antiguidade grega e, com devido destaque, na filosofia europeia do final do século XVIII: a relação entre filosofia e literatura. No artigo AULA PRÁTICA DE GEOGRAFIA, HISTÓRIA, BIOLOGIA, ANTROPOLOGIA E ARQUEOLOGIA DO MATO GROSSO DO SUL: UMA PROPOSTA METODOLÓGICA PARA ALUNOS DO ENSINO MÉDIO E A IMPORTÂNCIA DA SALA DE AULA SEM PAREDES, as autoras Juliana Cristina Ribeiro da Silva e Patricia Helena Mirandola Garcia as autoras buscam apresentar o resultado de uma aula prática de Geografia, História, Biologia, Antropologia e Arqueologia do Mato Grosso do Sul realizada em um sítio arqueológico com figuras rupestres datadas de aproximadamente 3.000 anos. No artigo AUTOFORMAÇÃO DOCENTE E REFLEXÕES SOBRE VIVÊNCIAS ESCOLARES, as autoras Natália Lampert Batista, Tascieli Feltrin, Elsbeth Léia Spode Becker buscam refletir o processo dinâmico e inquietador de se autotransformar pela docência é algo complexo e extremamente necessário à atuação docente em suas diversas práticas, sejam elas coletivas, sociais ou subjetivas. No artigo CRIATIVIDADE E FORMAÇÃO DE PROFESSORES: ESTRATÉGIAS PARA O ENSINO SUPERIOR, as autoras Elisabeth Mary de Carvalho Baptista e Iracilde Maria de Moura Fé Lima, buscam propor estratégias para serem aplicadas em sala de aula, nas disciplinas dessa área, buscando possibilitar o desenvolvimento da criatividade dos alunos, contribuindo para uma maior eficiência do processo ensino- aprendizagem na construção do conhecimento. No artigo EDUCAÇÃO E MORALIDADE: PILARES PARA A FORMAÇÃO HUMANA SOB A PERSPECTIVA DO DISCURSO PEDAGÓGICO DA

MODERNIDADE À CONTEMPORANEIDADE, os autores Sônia Pinto De Albuquerque Melo e Elza Ferreira Santos buscam discutir sobre a educação e a moralidade postas como instrumentos importantes à formação humana, a partir do discurso pedagógico da Modernidade, Contemporaneidade, Oitocentos e século XX.

No artigo ENSINO DA LÍNGUA FRANCESA E POLÍTICAS PÚBLICAS, a autora Ana Paula Guedes, busca analisar como se compreende o resgate das decisões políticas acerca do ensino de língua estrangeira no Paraná e no Brasil. No artigo ENTRE SONS, LUZES E CORES: UM OLHAR SENSÍVEL DA PRÁTICA DOCENTE NO AMBIENTE MULTIETÁRIO DA UNIDADE DE EDUCAÇÃO INFANTIL IPÊ AMARELO as autoras Paula Adriana Rodrigues e Stéfani Martins Fernandes buscam relatar a experiência e o olhar de uma professora da Instituição por meio da prática desenvolvida e uma das suas vivências numa das turmas de multi-idade com crianças de um ano e meio a cinco anos e onze meses. No artigo FORMAÇÃO DE PROFESSORES PARA EDUCAÇÃO INCLUSIVA: AÇÕES EXERCIDAS PELA SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO DE LONDRINA, os autores Eromi Izabel Hummel e Mara Silvia Spurio buscam apresentar a formação dos professores que atuam no Atendimento Educacional Especializado (AEE) na Secretaria Municipal de Educação de Londrina. No artigo FORMAÇÃO DE PROFESSORES: O PIBID ENQUANTO POSSIBILIDADE DE APROXIMAÇÃO ENTRE UNIVERSIDADE E ESCOLA, os autores Leni Hack e Robson Alex Ferreira buscam apresentar as reflexões sobre a formação de professores/as de Educação Física e as possibilidades de aproximação entre a Universidade e as Escolas parceiras no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência – PIBID. No artigo GINÁSTICA NA ESCOLA: INTERVENÇÃO DIDÁTICO-PEDAGÓGICA NA VISÃO DOS BOLSISTAS PIBID, os autores Hitalo Cardoso Toledo, Jéssica Hernandes Vizu Silva, Ângela Pereira Teixeira Victoria Palma, buscam relatar a experiência do pibidiano/professor de Educação Física no ensino do conteúdo ginástica para estudantes do ensino fundamental I. No artigo JOGOS DE CONSCIÊNCIA FONOLÓGICA NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO, as autoras Nakita Ani Guckert Marquez e Dalva Maria Alves Godoy buscam apresentar algumas reflexões acerca da importância dos jogos de consciência fonológica para o processo inicial de alfabetização. No artigo METODOLOGIAS ATIVAS NO ENSINO SUPERIOR: AVANÇOS E DESAFIOS NA PRÁTICA PEDAGÓGICA DOCENTE E NA APRENDIZAGEM DE ESTUDANTES, os autores Robinalva Ferreira, Marília Morosini, Pricila Kohls dos Santos, Luisa Cerdeira buscam analisar os avanços e desafios na prática pedagógica docente e na aprendizagem de estudantes universitários após a utilização de Metodologias Ativas (MAs), na percepção de professores. No artigo M-LEARNING E SALA DE AULA INVERTIDA: CONSTRUÇÃO DE UM MODELO PEDAGÓGICO (ML-SAI) os autores Ernane Rosa Martins e Luís Manuel Borges Gouveia, buscam apresentar uma proposta de um modelo pedagógico direcionado para atividades de m-learning (mobile learning), fundamentado na teoria da Sala de Aula Invertida (SAI), denominado de ML- SAI. No artigo O CARÁTER DIALÓGICO DO

PENSAMENTO REFLEXIVO, os autores Éllen Patrícia Alves Castilho e Darcísio Natal Muraro, buscam analisar, com base em John Dewey e Matthew Lipman, as relações entre diálogo e pensamento reflexivo na constituição do que chamamos de experiência de pensamento. No artigo O CARÁTER DIALÓGICO DO PENSAMENTO REFLEXIVO, os autores Éllen Patrícia Alves Castilho e Darcísio Natal Muraro, buscam analisar, com base em John Dewey e Matthew Lipman, as relações entre diálogo e pensamento reflexivo na constituição do que chamamos de experiência de pensamento. No artigo O ENSINO DE LÍNGUAS NO PROGRAMA DE ESCOLARIZAÇÃO HOSPITALAR DO PARANÁ (SAREH): DISCUSSÕES SOBRE CURRÍCULO, os autores Itamara Peters, Eliana Merlin Deganutti de Barros, buscam investigar as práticas de letramento escolar realizadas no SAREH. No artigo OS DESAFIOS E ENCANTAMENTOS DO ESTÁGIO DOCENTE DE LÍNGUA PORTUGUESA NO ENSINO FUNDAMENTAL II, a autoras Analice dos Santos Lima e Luciene Maria Patriota buscam relatar, descrever e analisar, o estudo com o gênero História em Quadrinhos na sala de aula. No artigo POLÍTICAS EDUCACIONAIS E TRABALHO DOCENTE NA ESCOLA PÚBLICA: ELEMENTOS PARA PENSAR A ATUALIDADE DO TEMA NO BRASIL, a autora Susana Schneid Scherer, busca assinalar alguns reflexos das políticas educacionais em vigência sobre os docentes públicos escolares brasileiros. No artigo REFLEXOS DA FINANCEIRIZAÇÃO DO ENSINO SUPERIOR PRIVADO PARA O TRABALHADOR DOCENTE, as autoras Rafaelle Sanches Cutrim e Denise Bessa Léda realizam um estudo em fase inicial sobre as repercussões da financeirização do ensino superior privado na dinâmica prazer e sofrimento do trabalhador docente, a partir de uma instituição de ensino superior pertencente a um grande conglomerado educacional no Maranhão. No artigo SIGNIFICADOS DOS PROCESSOS EDUCATIVOS: UMA ANÁLISE A PARTIR DO OLHAR DOS JOVENS a autora Mônica Tessaro realiza um recorte de minha pesquisa de Mestrado, sendo que o objetivo geral foi investigar em que medida os processos educativos desenvolvidos na escola favorecem a estruturação do foreground dos jovens estudantes do nono ano do Ensino Fundamental. No artigo TECNOLOGIAS DIGITAIS NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: LIMITES E POSSIBILIDADES SOB O OLHAR DOS DOCENTES a autora Adriana dos Santos busca discutir sobre a utilização de TD no âmbito das práticas pedagógicas da disciplina de Educação Física Escolar. No artigo INQUIETUDES NO OLHAR DE GESTORES ESCOLARES SOBRE A EDUCAÇÃO SEXUAL os autores Solange Aparecida de Souza Monteiro, Paulo Rennes Marçal Ribeiro, João Guilherme de Carvalho Gattás Tannuri buscam com este estudo identificar a percepção de gestores de escolas públicas sobre a educação sexual em instituições públicas escolares. No artigo: ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA PARA A PESSOA COM PARALISIA CEREBRAL: ADAPTAÇÕES QUE FAVORECEM O ACESSO AO TEXTO ESCRITO as autoras : Adriana Moreira de Souza Corrêa e Josefa Martins de Sousa constitui em uma pesquisa bibliográfica, com objetivo apresentar tecnologias de baixo custo que favorecem o trabalho do professor de Língua Portuguesa no ensino das pessoas com Paralisia Cerebral.

E no artigo: LITOTECA COMO FERRAMENTA DE ENSINO NA EDUCAÇÃO BÁSICA PROFISSIONALIZANTE os autores : Allan Charlles Mendes de Sousa, Marcos Bohrer, Cláudia Fátima Kuiawinski, Emilly Karine Ferreira e Gisele Canal Masier trata da apresentação de um projeto que propôs a construção de uma Litoteca - acervo catalogado de minerais e fragmentos de rochas - como uma ferramenta pedagógica a ser utilizada no curso técnico de Agropecuária integrado ao ensino médio do Instituto Federal Catarinense Campus Videira.

Solange Aparecida de Souza

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
(IN) DISCIPLINA: PERSPECTIVAS DOCENTES E DISCENTES no ENSINO SUPERIOR	
Aparecida Silvério Rosa Fernanda Telles Márques	
DOI 10.22533/at.ed.8111911061	
CAPÍTULO 2	13
A ÉTICA NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES DA EDUCAÇÃO BÁSICA	
Patrício Ceretta Luiz Gilberto Kronbauer	
DOI 10.22533/at.ed.8111911062	
CAPÍTULO 3	21
A MÚSICA E A FOTOGRAFIA COMO RECURSOS PEDAGÓGICOS NO ENSINO DE HISTÓRIA: UMA EXPERIÊNCIA NOS ANOS INICIAIS	
Magda Miranda de Assis Cruz Magda Madalena Peruzin Tuma	
DOI 10.22533/at.ed.8111911063	
CAPÍTULO 4	32
A POLÍTICA DE INSTITUCIONALIZAÇÃO DE POLOS DE APOIO PRESENCIAL DA UNIVERSIDADE ABERTA DO BRASIL	
Tânia Barbosa Martins	
DOI 10.22533/at.ed.8111911064	
CAPÍTULO 5	45
APRENDENDO A PENSAR: FILOSOFAR A PARTIR DA LITERATURA	
Pâmela Bueno Costa Samon Noyama	
DOI 10.22533/at.ed.8111911065	
CAPÍTULO 6	55
AULA PRÁTICA DE GEOGRAFIA, HISTÓRIA, BIOLOGIA, ANTROPOLOGIA E ARQUEOLOGIA DO MATO GROSSO DO SUL: UMA PROPOSTA METODOLÓGICA PARA ALUNOS DO ENSINO MÉDIO E A IMPORTÂNCIA DA SALA DE AULA SEM PAREDES	
Juliana Cristina Ribeiro da Silva Patricia Helena Mirandola Garcia	
DOI 10.22533/at.ed.8111911066	
CAPÍTULO 7	67
AUTOFORMAÇÃO DOCENTE E REFLEXÕES SOBRE VIVÊNCIAS ESCOLARES	
Natália Lampert Batista Tascieli Feltrin Elsbeth Léia Spode Becker	
DOI 10.22533/at.ed.8111911067	

CAPÍTULO 8	82
CRIATIVIDADE E FORMAÇÃO DE PROFESSORES: ESTRATÉGIAS PARA O ENSINO SUPERIOR	
Elisabeth Mary de Carvalho Baptista Iracilde Maria de Moura Fé Lima	
DOI 10.22533/at.ed.8111911068	
CAPÍTULO 9	96
EDUCAÇÃO E MORALIDADE: PILARES PARA A FORMAÇÃO HUMANA SOB A PERSPECTIVA DO DISCURSO PEDAGÓGICO DA MODERNIDADE À CONTEMPORANEIDADE	
Sônia Pinto De Albuquerque Melo Elza Ferreira Santos	
DOI 10.22533/at.ed.8111911069	
CAPÍTULO 10	113
ENSINO DA LÍNGUA FRANCESA E POLÍTICAS PÚBLICAS	
Ana Paula Guedes	
DOI 10.22533/at.ed.81119110610	
CAPÍTULO 11	121
ENTRE SONS, LUZES E CORES: UM OLHAR SENSÍVEL DA PRÁTICA DOCENTE NO AMBIENTE MULTIETÁRIO DA UNIDADE DE EDUCAÇÃO INFANTIL IPÊ AMARELO	
Paula Adriana Rodrigues Stéfani Martins Fernandes	
DOI 10.22533/at.ed.81119110611	
CAPÍTULO 12	131
FORMAÇÃO DE PROFESSORES PARA EDUCAÇÃO INCLUSIVA: AÇÕES EXERCIDAS PELA SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO DE LONDRINA	
Eromi Izabel Hummel Mara Silvia Spurio	
DOI 10.22533/at.ed.81119110612	
CAPÍTULO 13	144
FORMAÇÃO DE PROFESSORES: O PIBID ENQUANTO POSSIBILIDADE DE APROXIMAÇÃO ENTRE UNIVERSIDADE E ESCOLA	
Leni Hack Robson Alex Ferreira	
DOI 10.22533/at.ed.81119110613	
CAPÍTULO 14	153
GINÁSTICA NA ESCOLA: INTERVENÇÃO DIDÁTICO-PEDAGÓGICA NA VISÃO DOS BOLSISTAS PIBID	
Hitalo Cardoso Toledo Jéssica Hernandez Vizu Silva Ângela Pereira Teixeira Victoria Palma	
DOI 10.22533/at.ed.81119110614	
CAPÍTULO 15	159
JOGOS DE CONSCIÊNCIA FONOLÓGICA NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO	
Nakita Ani Guckert Marquez Dalva Maria Alves Godoy	
DOI 10.22533/at.ed.81119110615	

CAPÍTULO 16	170
METODOLOGIAS ATIVAS NO ENSINO SUPERIOR: AVANÇOS E DESAFIOS NA PRÁTICA PEDAGÓGICA DOCENTE E NA APRENDIZAGEM DE ESTUDANTES	
Robinalva Ferreira Marília Morosini Pricila Kohls dos Santos Luisa Cerdeira	
DOI 10.22533/at.ed.81119110616	
CAPÍTULO 17	184
M-LEARNING E SALA DE AULA INVERTIDA: CONSTRUÇÃO DE UM MODELO PEDAGÓGICO (ML-SAI)	
Ernane Rosa Martins Luís Manuel Borges Gouveia	
DOI 10.22533/at.ed.81119110617	
CAPÍTULO 18	193
O CARÁTER DIALÓGICO DO PENSAMENTO REFLEXIVO	
Éllen Patrícia Alves Castilho Darcísio Natal Muraro	
DOI 10.22533/at.ed.81119110618	
CAPÍTULO 19	201
O ENSINO DE LÍNGUAS NO PROGRAMA DE ESCOLARIZAÇÃO HOSPITALAR DO PARANÁ (SAREH): DISCUSSÕES SOBRE CURRÍCULO	
Itamara Peters Eliana Merlin Deganutti de Barros	
DOI 10.22533/at.ed.81119110619	
CAPÍTULO 20	215
OS DESAFIOS E ENCANTAMENTOS DO ESTÁGIO DOCENTE DE LÍNGUA PORTUGUESA NO ENSINO FUNDAMENTAL II	
Analice dos Santos Lima Luciene Maria Patriota	
DOI 10.22533/at.ed.81119110620	
CAPÍTULO 21	224
POLÍTICAS EDUCACIONAIS E TRABALHO DOCENTE NA ESCOLA PÚBLICA: ELEMENTOS PARA PENSAR A ATUALIDADE DO TEMA NO BRASIL	
Susana Schneid Scherer	
DOI 10.22533/at.ed.81119110621	
CAPÍTULO 22	236
REFLEXOS DA FINANCEIRIZAÇÃO DO ENSINO SUPERIOR PRIVADO PARA O TRABALHADOR DOCENTE	
Rafaelle Sanches Cutrim Denise Bessa Léda	
DOI 10.22533/at.ed.81119110622	

CAPÍTULO 23	250
SIGNIFICADOS DOS PROCESSOS EDUCATIVOS: UMA ANÁLISE A PARTIR DO OLHAR DOS JOVENS	
Mônica Tessaro	
DOI 10.22533/at.ed.81119110623	
CAPÍTULO 24	264
TECNOLOGIAS DIGITAIS NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: LIMITES E POSSIBILIDADES SOB O OLHAR DOS DOCENTES	
Adriana dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.81119110624	
CAPÍTULO 25	276
INQUIETUDES NO OLHAR DE GESTORES ESCOLARES SOBRE A EDUCAÇÃO SEXUAL	
Solange Aparecida de Souza Monteiro	
Paulo Rennes Marçal Ribeiro	
João Guilherme de Carvalho Gattás Tannuri	
DOI 10.22533/at.ed.81119110625	
CAPÍTULO 26	285
ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA PARA A PESSOA COM PARALISIA CEREBRAL: ADAPTAÇÕES QUE FAVORECEM O ACESSO AO TEXTO ESCRITO	
Adriana Moreira de Souza Corrêa	
Josefa Martins de Sousa	
DOI 10.22533/at.ed.81119110626	
CAPÍTULO 27	295
LITOTECA COMO FERRAMENTA DE ENSINO NA EDUCAÇÃO BÁSICA PROFISSIONALIZANTE	
Allan Charles Mendes de Sousa	
Marcos Bohrer	
Cláudia Fátima Kuiawinski	
Emilly Karine Ferreira	
Gisele Canal Masiero	
DOI 10.22533/at.ed.81119110627	
SOBRE A ORGANIZADORA	302

O CARÁTER DIALÓGICO DO PENSAMENTO REFLEXIVO

Éllen Patrícia Alves Castilho

Universidade Estadual de Londrina
ellencastilho@hotmail.com.br

Darcísio Natal Muraro

Universidade Estadual de Londrina
murarodnm@gmail.com

RESUMO: O objetivo deste estudo é analisar, com base em John Dewey e Matthew Lipman, as relações entre diálogo e pensamento reflexivo na constituição do que chamamos de experiência de pensamento. Assim a indagação central da pesquisa é: qual o papel do diálogo para a criação da experiência de pensamento? O pensamento, para Dewey, assim como o diálogo, para Lipman, tem origem em alguma dúvida em nossa experiência tornado-a problemática. Diálogo e pensamento são as bases do processo investigativo como forma de buscar a transformação da situação problemática, ou seja, um processo que visa resolver a dúvida. Quando este processo ocorre temos uma experiência de pensamento, mas que traz implícito novas experiências uma vez que novos problemas surgirão. Essa resolução da dúvida não possui caráter perene, mas sim, visa criar uma situação harmoniosa e esclarecida, acumulando significados que poderão ser usados nas novas experiências. Diálogo e reflexão são concebidos como a base

de uma educação crítica e criativa, ou seja, uma educação que proporciona experiência de pensamento. Desta forma a educação como investigação tem potencial de ser uma educação na e para a democracia.

PALAVRAS-CHAVE: Diálogo, Pensamento Reflexivo, Educação para o Pensar.

INTRODUÇÃO

A educação, na ótica de John Dewey, consiste numa prática social em que uma geração transmite para a outra suas crenças, ideias e ideais, hábitos, isto é, a cultura renovando continuamente a vida do grupo. Educação é a própria vida e se efetua pela ação conjunta dos seres humanos, mais especificamente, pela experiência compartilhada. Por tal motivo, ela não envolve o pensar sobre um mundo abstrato, distante, mas sim sobre um mundo real, onde nossas experiências se concretizam. Por seu fundamento pragmatista, o arcabouço teórico instaurado pelo filósofo, psicólogo e pedagogo lança luz à centralidade da experiência, resultante da interação humana. Matthew Lipman, criador de uma concepção educacional que chamou de Filosofia para Crianças, estabelece, em suas obras, uma relação direta entre diálogo e pensamento,

tendo como referência a teoria de Dewey. O conceito de diálogo de Lipman é condição para o que ele nomeia de pensar bem. Esse pensar bem se aproxima da concepção de pensamento reflexivo de Dewey.

Desta forma, é possível estabelecer estreitas relações entre os conceitos de pensamento, experiência, diálogo e educação de Lipman e Dewey. Neste trabalho focaremos principalmente em dois conceitos: o diálogo em Lipman e o pensamento reflexivo em Dewey.

Nossa proposta de estudo pode ser expressa pela seguinte pergunta: qual o papel do diálogo para a criação da experiência de pensamento? Consideramos esta questão importante para compreender a proposta dos autores acerca da educação reflexiva e crítica que, na perspectiva filosófica de Lipman, deve ser também criativa e cuidadosa.

Para refinar nosso estudo acerca desse assunto, colocamos as seguintes questões como guias de nossa reflexão: Quais são as formas de comunicação humana? O que é diálogo? Existe relação entre diálogo e pensamento? Como e por que o diálogo pode representar uma experiência de pensamento?

O objetivo deste trabalho se concentra na análise do diálogo como uma forma específica de comunicação para resolver problemas da vida comum. Outro objetivo é a análise do pensar reflexivo como experiência de transformação do problema para transformar a situação em continuidade de vida.

A metodologia adotada consiste numa pesquisa bibliográfica, visando aspectos qualitativos de análise buscando compreender, interpretar e explicita os conceitos de diálogo, pensamento reflexivo e experiência que são centrais nesta pesquisa. Este trabalho buscou, principalmente, fundamentação em obras de Matthew Lipman¹ intitulada *O pensar na educação* e *Filosofia na sala de aula* e de John Dewey² intitulada *Democracia e educação* e o *Como pensamos*. O primeiro porque trata especificamente da conceituação do diálogo como instrumento crítico e criativo e, o segundo, porque aborda o pensamento reflexivo como capacidade humana de resolver situações problemáticas por meio do processo comunicativo.

O processo de revisão bibliográfica é capaz de, assim como entende Gil (2002), abrir um caminho exploratório fazendo com que exista uma maior familiaridade com o objeto de pesquisa, possibilidade de aprimoramento de idéias e, ainda, a descoberta de novas intuições, percepções e interpretações do objeto de pesquisa.

1. **Matthew Lipman**. Nasceu em 1923 na cidade de Vineland, New Jersey, EUA. Doutorou-se em Filosofia na Universidade Colúmbia, em Nova York, em 1953. Fez pós doutorado na França e foi o fundador do IAPC (Instituto para o Desenvolvimento de Filosofia para Crianças) ligado à Universidade Estadual de Montclair - New Jersey - EUA. É o criador do Programa de Filosofia para Crianças. Faleceu em 26 de dezembro de 2010, em MontClair, USA.

2. **Jhon Dewey**. Nasceu em 20 de outubro de 1859, na cidade de Burlington, Vermont, EUA. Filósofo e educador é considerado o expoente máximo da escola progressiva norte-americana. Tornou-se grande nome da Filosofia da Educação. Faleceu em 01 de junho de 1952, em Nova Iorque, EUA.

O Diálogo e o Pensamento Reflexivo

Iniciaremos nossas reflexões na busca de um entendimento acerca da comunicação humana. O Dicionário de Filosofia de Nicola Abbagnano (2007) apresenta a definição de Comunicação da seguinte forma:

[...] termo para designar o caráter específico das relações humanas que são ou podem ser relações de participação recíproca ou de compreensão. Portanto, esse termo vem a ser sinônimo de “coexistência” ou de “vida com os outros” e indica o conjunto dos modos específicos que a coexistência humana pode assumir, contanto que se trate de modos “humanos”, isto é, nos quais reste certa possibilidade de participação e de compreensão (ABBAGNANO, 2007, p. 161).

O homem precisa da comunicação para se relacionar, para receber e transmitir experiências, ideias ou informações. Desta forma, ela está presente moldando as relações sociais. O ser humano vive continuamente em um contexto de comunicação, meio que o permite possuir as coisas que são comuns para a vida social. Ela possibilita a expressão verbal ou não verbal, propiciando a troca de informações entre indivíduos, entrando em jogo a diversidade de recursos dos quais ela pode se utilizar para acontecer como os meios impressos, telefônicos, televisivos e de internet. É imprescindível, para que a comunicação se efetive, que o que está sendo comunicado seja compreensível para os demais, compartilhando o mesmo sistema de signos ou códigos lingüísticos para possibilitar o entendimento.

Conforme Dewey (1979), a comunicação é condição para a existência e continuidade da vida social:

A sociedade subsiste, tanto quanto a vida biológica, por um processo de transmissão. A transmissão efetua-se por meio da comunicação – dos mais velhos para os mais novos – dos hábitos de proceder, pensar e sentir. Sem esta comunicação de ideais, esperanças, expectativas, objetivos, opiniões, entre os membros da sociedade que estão a sair da vida do grupo, e os que na mesma estão a entrar, a vida social não persistiria (DEWEY, 1979, p. 3).

No entendimento deste pensador, a comunicação não apenas proporciona a transmissão da cultura da sociedade, mas constitui a própria sociedade: “[...] a sociedade não só continua a existir pela transmissão, pela comunicação, como também se pode perfeitamente dizer que ela é transmissão e é comunicação” (DEWEY, 1979, p. 4). A comunicação que acontece nas interações entre os homens, permite o desenvolvimento do indivíduo como sujeito humano, capaz de pensar e expressar esse pensamento através da oralidade, possibilitando, também, o seu entendimento ao que lhe for apresentado. Isto significa que a educação não somente é comunicação, mas uma atividade voltada para o aprimoramento da comunicação tornando o indivíduo um sujeito social.

A comunicação em sua essência exige a participação crítica e direta sobre o ato de pensar e falar em torno da vida em comum, tendo em vista a mútua compreensão. Desta forma, é insuficiente uma educação que se baseia na mera transmissão arbitrária

do conhecimento desconectado da vida social. Neste sentido, uma educação que assume a responsabilidade de dar continuidade à vida social deve ter como alicerce a comunicação, tendo como sujeitos, não aqueles que apenas recebem o significado, mas aqueles que buscam entender esses significados numa relação interativa.

Na perspectiva de Lipman, há diversas formas de comunicação podendo haver distinção entre conversa e diálogo. Analisaremos, a seguir, a conversa como forma de comunicação predominante nas relações sociais, diferenciando-a do diálogo.

A conversa é uma troca de informações entre um ou mais indivíduos. É o ato de comunicar-se para expressar uma informação de um para outro com entendimento recíproco. Podemos diferenciar a conversa do diálogo por meio da explanação de Lipman a respeito:

Na conversa, primeiro uma pessoa está no alto, depois a outra. Há uma reciprocidade, mas com a compreensão de que nada deve mover-se. Uma conversa é uma gangorra entre os protagonistas; ela contém movimento, mas a conversa mesma não se move. Já no diálogo, o desequilíbrio é imposto para impelir o movimento para adiante (LIPMAN, 1995a, p. 87-88).

Entendemos, então, que a conversa se calca numa estabilidade, representada, conforme supracitado, como o movimento de uma gangorra: há reciprocidade na posição de troca de informações, mas não almeja uma mudança que altere a situação de ambos interlocutores. No diálogo isso não acontece, pois nele

[...] cada passo para frente possibilita outro passo adiante; no diálogo, cada argumento evoca um contra-argumento que se impulsiona para além do outro e impulsiona o outro para além de si. Uma conversa é uma troca: de sentimentos, de pensamentos, de informação ou de compreensão. Um diálogo é uma exploração mútua, uma investigação, uma inquirição (LIPMAN, 1995a, p. 87-88).

As modalidades de conversa existentes podem ser divididas entre a formal e a informal. Podemos dizer que na primeira modalidade de conversa há certa hierarquia ou que não exista intimidade, como duas pessoas que acabam de se conhecer ou como numa entrevista de emprego, por exemplo. Já a segunda modalidade pode ser pensada como a conversa de duas pessoas que já se conhecem ou apresentam familiaridades, não existindo a necessidade de formalidades, como uma mãe e um filho que convivem na mesma casa.

A conversa, desta maneira, não visa alcançar um objetivo, não tem uma finalidade para além da troca de informações, pensamentos, sentimentos e impressões em um contexto comum. A conversa cria uma relação de comunicação entre as pessoas que se sustenta pela reciprocidade no ato de relatar aspectos espontâneos ou práticos da experiência dos envolvidos. Ela se ocupa mais com a dimensão retrospectiva, com aquilo que provém da memória ou das elaborações da fantasia ou com a adaptação imediata das pessoas no processo contínuo de viver.

No Dicionário de Filosofia de Nicola Abbagnano (2007) encontramos a seguinte concepção a respeito de diálogo:

Para grande parte do pensamento antigo até Aristóteles, o diálogo não é somente

uma das formas pelas quais se pode exprimir o discurso filosófico, mas a sua forma típica e privilegiada, isso porque não se trata de discurso feito pelo filósofo para si mesmo, que o isole em si mesmo, mas de uma conversa, uma discussão, um perguntar e responder entre pessoas unidas pelo interesse comum da busca (ABBAGNANO, 2007, p. 274).

O diálogo, desta forma, deixa de ser apenas uma maneira de exteriorizar as ideias de caráter filosófico, necessitando que um sujeito se envolva com o outro nessa busca de um interesse comum, superando a conversa. Enquanto forma de comunicação especificamente humana, o diálogo também pode aparecer formal ou informalmente. No entanto, o diálogo aqui discutido se trata da conversação que tem por finalidade aproximar-se da verdade, objetivando solucionar problemas, sanar dúvidas e alcançar a harmonia, pensando e refletindo sobre o que está em questão. Dialogar exige a capacidade de colocar-se como igual perante o outro, adotando conduta de reciprocidade, para ouvir e ser ouvido, trocando ideias e possibilitando, também, a formação de novas concepções.

Sabemos que conversa e diálogo fazem parte do ato humano de comunicar, de saber e fazer saber, entender e ser entendido. Porém, a conversa não demanda comprometimento para com o pensamento reflexivo e estruturado, fidedigno do termo investigação. Ela caracteriza uma relação social em que a comunicação não objetiva resolver um problema, pois se volta para a troca de informações relacionadas ao cotidiano, sem necessidade de um pensamento mais elaborado. Percebemos, então, a necessidade de diferenciar a conversa do diálogo, já que a primeira se refere ao ato de comunicar informações conhecidas por um dos pares da interlocução, e o segundo exige pensamento reflexivo para produzir um novo conhecimento pelos pares envolvidos na comunicação.

Por sua vez, o diálogo requer pensamento elaborado por meio de argumentação comum e da imaginação criativa, ou seja, busca a criação e a articulação das ideias em torno de uma questão problemática. Exige reflexão e estruturação sobre o mesmo, elevando o nível de conversação para diálogo, deixando de ser uma fala de senso comum ou mera forma de diversão. Diante disso, valoramos o diálogo enquanto possibilidade real, de caráter filosófico, porque proporciona a reflexão e o (re)pensar, num movimento recursivo e prospectivo, crítico e criativo na dinâmica da reflexão. Ele permite aos seus participantes momentos de argumentar e de ouvir argumentos na busca de esclarecimento ou solução do problema, o que pode acarreta uma prática de repensar ou confirmar a própria posição. Isto nos remete à ideia de que para elevar a conversação a esse nível, deve haver entre os membros do diálogo uma postura que assegure igualdade, tornando o respeito imprescindível nesse contexto, de forma a considerar o outro, sua posição e suas ideias. Essa dinâmica do diálogo consiste de um trabalho que desenvolve o pensamento na medida em que se exercita a própria autocorreção e a criatividade necessária para enfrentar novos problemas. Para Lipman, há uma relação de sustentação existente entre pensamento e diálogo, onde este segundo caracteriza uma espécie de matriz para o primeiro: parte do pensamento é

aquisição por meio da linguagem e da cultura; parte do pensamento é desenvolvimento da própria linguagem e culturas adquiridas e transformadas no contínuo processo problemático da existência humana. Desta forma, diálogo e pensamento caracterizam duas faces de um desenvolvimento comum.

Tendo explicitado a diferença entre as formas de comunicação humana chamadas de conversa e diálogo, analisaremos o diálogo como uma experiência de pensamento.

O pensamento e a ação, para o Dewey, são intrínsecos e o pensamento é passível de experimentação. Essa premissa induz o caminho percorrido por Dewey na busca por entender como pensamos. Referindo-se aos valores do pensamento reflexivo, Dewey esclarece que

Em primeiro lugar, é uma capacidade que nos emancipa da ação unicamente impulsiva e rotineira. Dito mais positivamente: o pensamento faz-nos capazes de dirigir nossas atividades com previsão e de planejar de acordo com fins em vista ou propósitos de que somos conscientes; de agir deliberada e intencionalmente a fim de atingir futuros objetivos ou obter domínio sobre o que está, no momento, distante e ausente (1959, p. 26).

Esta colocação que explicita o uso do pensamento reflexivo como capacidade de prever, planejar e intencionalizar a ação, estabelece uma interface com as ideias de Lipman, quando o autor afirma que “[...] não há melhor incentivo que ver nossa vida se aperfeiçoar com o nosso pensar sobre ela.” (LIPMAN; OSCANYAN; SHARP, 1994, p. 12).

Então, o pensamento reflexivo, diferentemente da forma de pensar rotineira é “a espécie de pensamento que consiste em examinar mentalmente o assunto e dar-lhe condição séria e consecutiva” (DEWEY, 1959, p. 13), é o que Lipman identifica como o pensar excelente, que é estruturado em torno dos critérios de crítica e criatividade. O pensar reflexivo, então, envolve uma busca de sentido, de significado, onde a ação, a experiência, está implícita no “dar condição séria e consecutiva”. O pensar reflexivo em Dewey muito se aproxima dos princípios do diálogo anteriormente descritos neste trabalho, já que “examinar até que ponto uma coisa pode ser considerada garantia para acreditarmos em outra é, por conseguinte, o fator central de todo o ato de pensar reflexivo ou nitidamente intelectual” (DEWEY, 1959, p. 14). Diante dessa aproximação, buscamos entender o diálogo como uma experiência de pensamento: ocupa-se de deliberar acerca de um problema, a argumentação é partilhada entre os que buscam a solução e neste processo se autocorrigem, há sempre algum acúmulo ou acréscimo de significado modificando os sujeitos que participam.

O pensamento para Dewey, assim como no diálogo, tem origem em alguma perplexidade, confusão ou dúvida, movimento que consiste no que podemos considerar um ato de pesquisa tendo em vista esclarecer ou resolver o que é problemático. Diante dessa inquietação primária acontece a dinâmica de busca pela superação da mesma, fazendo com que o sujeito busque em seu “cabedal de conhecimentos úteis e disponíveis” (DEWEY, p. 25), originados de nossas experiências pretéritas, alguma maneira de resolver a dúvida. Este ato de pensar retrospectivo é um diálogo interno

entre experiências vividas pelo sujeito, bem como, de outras experiências acumuladas ao longo da história. Essa busca pela resolução não precisa ser determinada pelo passado, pois, a reflexão não consiste em se reduzir ou se delimitar no círculo de significados de experiências passadas. Ao contrário, consiste em transformar o velho conhecimento diante das novas situações tornando-o um novo saber. Desta maneira, ressaltando, mais uma vez, sua aproximação com o diálogo, a função do pensamento reflexivo é “transformar uma situação de obscuridade, dúvida, conflito, distúrbio, [...] numa situação clara, coerente, assentada, harmoniosa” (p. 106). O pensamento reflexivo, movimentado pelo diálogo compõe o que chamamos de investigação. Lipman (1995b) entende o pensar como “[...] processo de descobrir ou fazer associações e disjunções” (LIPMAN, 1995b, p. 33), mas não se trata somente de uma atividade mental mecânica de fazer associações ou disjunções a partir de modelos pré-definidos. O processo implica o uso do raciocínio, portanto da capacidade de avançar e retroceder na formulação das ideias, podendo ser uma solução imparcial que não esteja correta em todos os seus detalhes. Pensar é este processo dialógico que opera a transformação do conteúdo do próprio pensar por meio da ação.

O ser humano está em constante interação com a sua história, com as pessoas e as coisas. Estas relações estabelecidas consigo mesmo, com o outro e com as coisas nos permite ver a existência humana como um processo de experiências de pensamento. Existe uma continuidade entre as experiências que vão transformando o sujeito e seu mundo. O ser humano não se fecha ou se “forma” com experiências feitas, mas tem diante de si o desafio de novas experiências que proporcionam uma dinamicidade na formação humana. Esta perspectiva considera a imaturidade como condição humana, ou seja, “[...] o eu não é uma coisa já feita e completa, e sim uma coisa em formação contínua [...]” (DEWEY, 1979, p. 386). E esta formação contínua depende do processo reconstrutivo das experiências ou da própria educação entendida como modo de vida uma vez que educar implica numa contínua reorganização ou reconstrução – por meio do diálogo e reflexão – da experiência. Como define o autor a educação: “*é uma reconstrução ou reorganização da experiência, que esclarece e aumenta o sentido desta e também a nossa aptidão para dirigirmos o curso das experiências subseqüentes.*” (DEWEY, 1979, p. 83, itálico do autor).

Este é o ponto de partida da educabilidade humana que busca no dialogar e no pensar a formação do ser homem em todas as possibilidades de seu feitio e manifestações, ou como diz este filósofo acerca da formação do caráter: “[...] significa ser-se plena e adequadamente aquilo que se é capaz de chegar a ser, por meio da associação com outras pessoas em todas as funções da vida” (DEWEY, 1979, p. 393). Esta associação com as outras pessoas indica que o tanto o diálogo como o pensamento tem uma dimensão ética e política. Diálogo e reflexão indicam um tipo específico de conduta, ou de atitude que considera a importância das diferenças para o crescimento mútuo. Diálogo e reflexão são condições para a democracia, pois permitem o compartilhamento das experiências, bem como, o esforço para solucionar

os problemas comuns que afligem o grupo.

Nesta perspectiva, Lipman entende que a educação deveria ser desenvolvida tendo como base o diálogo e o pensar reflexivo, ou seja, a investigação: “Quando a educação se transforma em educação *como* investigação e educação *para* a investigação, o produto social desta mudança institucional será a democracia como investigação e não meramente democracia.” (LIPMAN, 1995b, p. 355, itálicos do autor) Assim, Lipman atualiza o sentido socrático da vida, ou seja, a vida digna de ser vivida é a vida examinada democraticamente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao estabelecer uma aproximação entre conceito de diálogo em Lipman e o conceito de pensamento reflexivo em Dewey entendemos que diálogo e reflexão são concebidos como a base de uma educação crítica e criativa, ou seja, uma educação que proporciona experiência de pensamento. A educação como investigação tem potencial de ser uma educação na e para a democracia. Neste contexto, o diálogo permite a criação da experiência de pensamento, uma ação compartilhada.

Acreditamos, assim, “nas potencialidades de educação quando tratada como desenvolvimento inteligentemente dirigido das possibilidades inerentes às experiências ordinárias da vida”. (DEWEY, 1979, p. 96)

REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. São Paulo: M. Fontes, 2007. p. 274.

DEWEY, John. **Como Pensamos**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1959.

_____. **Democracia e educação**. Tradução: Godofredo Rangel e Anísio Teixeira. São Paulo: Nacional, 1979. Atualidades Pedagógicas, vol. 21.

_____. **Experiência e Educação**. Tradução: Anísio Teixeira. São Paulo: Nacional, 1979. Atualidades Pedagógicas, vol. 131.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. Ed. São Paulo: Atlas, 2002.

LIPMAN, Matthew. **Luísa: Manual do Professor**. Trad. Ana Luiza F. Falcone. São Paulo: CBFC, 1995a.

_____. **O pensar na educação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995b.

_____. OSCANYAN, F.; SHARP, A. M. **Filosofia na sala de aula**. São Paulo: Nova Alexandria, 1994.

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-381-1

